

CORPUS SELETIVO DA POESIA CONTEMPORÂNEA DA GUINÉ-BISSAU *

João Ferreira

UnB

No panorama geral das literaturas africanas de língua portuguesa é justo insistir na presença da literatura guineense relativamente descartada das histórias gerais da literatura africana, da crítica, das antologias e das monografias de conjunto.

A razão mais justa desta insistência é a simples verificação de que ela existe, sobretudo ao nível de literatura oral e de poesia. A metodologia mais prática e didática para apreender essa presença é tentar fazer um corpus seletivo de expressões escritas, percorrendo um caminho de análise centrado em cinco núcleos: 1 — poesia como expressão individual de uma realidade pragmática; 2 — poesia coletiva; 3 — canções poéticas; 4 — poemas populares de massa musicados; 5 — poesia como expressão nacional de um discurso autônomo.

A necessidade de uma tomada de posição crítica deve-se aos ecos negativos da ausência literária guineense difundidos por publicações internacionais de renome como os de Russel G. Hamilton¹ e de outros autores².

A postura da Guiné-Bissau no contexto da literatura africana é recente e suas expressões mais marcantes situam-se dentro da poesia negra, no sentido de que a expressão literária, traduz em sua forma profunda, todo um poder sócio-político, uma militância e um compromisso e uma interligação entre música e poesia, poesia

* Comunicação apresentada ao X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa e I Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Literatura de Expressão Portuguesa, Lisboa, 20-26 de fevereiro de 1984.

e sociedade, poesia e política, poesia e mística revolucionária, além da dimensão estética própria da expressão literária.

Nossa pesquisa instaurou um corpus básico da produção poética contemporânea que mais se destacou na Guiné-Bissau. As linhas expressivas desse corpus inserem as várias modalidades de textura poética no seio da poesia negra, engajada no espaço ideológico propalado pelo movimento da negritude e representam assim complementariamente um "fruto amadurecido de uma nova consciência dos problemas africanos"³.

A análise desse corpus busca sobretudo conectar a expressão poética da fase nacional, mais solta e livre, procurando o sentido da unidade no texto nômade disperso por coletâneas, antologias, revistas e jornais e edições próprias. Este estudo tem o caráter de um mero ensaio e como tal se reveste de sentido provisório em relação à abrangência da informação. Pelo seu lado expositivo-crítico, este discurso é a base de uma afirmação necessária ao espaço real da expressão literária contemporânea da Guiné.

Ao selecionarmos cinco núcleos expressivos da poesia contemporânea da Guiné-Bissau, pretendemos mostrar ao leitor vários tipos de discurso que abrangem o macro-discurso poético desse país ainda por descobrir em sua riqueza sócio-cultural. O primeiro gênero de discurso diz respeito à poesia como "expressão individual da realidade pragmática", tentando apresentar-se como expressão da "realidade de uma comunidade vivendo a luta armada pela auto-determinação". Este núcleo é representado por poemas de Vasco Cabral⁴ e pelos poetas representado na coletânea "Mantilhas para quem luta"⁵.

O segundo núcleo que denominamos de "poesia coletiva" é representado pela poesia composta e cantada nas frentes de luta durante as campanhas pela independência. São representativas as poesias "Aos portugueses" e "A resistência" publicadas em tradução francesa por Mário de Andrade em seu livro *La poésie africaine d'expression portugaise*, Paris, Pierre Jean Oswald, 1969, p.147 e 148. É uma poesia popular embebida na fermentação ideológica da revolução e da luta. Outro tipo representativo é a "Canção balanta" e a "Cantiga do partisan", publicada também por Mário de Andrade⁶.

O terceiro núcleo poético está associado às "canções poéticas", formado por canções guerrilheiras, canções partidárias, hi-

nos e canções de propaganda. Entre elas podemos incluir a "Cantiga do Partisan"⁷, "Africano percorre o mundo"⁸, Rui Djassi⁹ e as marchas guerrilheiras "Guerra Mendes"¹⁰, "Venceremos"¹¹, "as nossas bandeiras"¹² e outros.

O segundo e terceiro núcleos são discursos do tempo da resistência ao colonizador e seus elementos característicos expressam de um lado a situação vivencial e de outros a exaltação do espírito popular e do guerrilheiro através do instrumento verbal da ironia demolidora e melódico e cadenciado da música como formas adequadas de derrubar os símbolos das forças opressoras. A profunda estrutura destes discursos é o tecido da armadura poética da contestação como veículo ideológico do próprio movimento revolucionário haurido nas pregações e nas exposições dos líderes políticos, sobretudo de Amílcar Cabral, dentro da lógica do axioma já consagrado de que "A luta de libertação nacional é um ato de cultura".

Subsidiariamente e em linha de descendência também coletiva e ideológica, mas já com uma missão de comunicação de massa, e fora dos arraiais das frentes de luta e das bases guerrilheiras encontramos o quarto núcleo representado pelos Poemas populares de massa musicados, de que é figura maior José Carlos Schwartz. As músicas de José Carlos Schwartz estão impregnadas da ideologia da luta mas conseguem mostrar alta tonalidade lírica com uma perfeita sintonia entre a alma popular e a dura realidade da luta. A presença física e mental altamente popular de José Carlos e a divulgação desses poemas através de disco fizeram desses textos como *Que qui minino na tchorra* e *Dju di Galinha* canções conhecidas da massa.

Um quinto núcleo de expressão poética poderia ser visto na poesia como "Consciência de um discurso autônomo". Este núcleo seria representado pela última fase da poesia de José Pedro Lopes Sequeira¹³, que simboliza o fim do ciclo da poesia de combate ou da poesia revoltada, preocupada em afirmar a identidade frente ao colonizador. A etapa iniciada por Sequeira é uma fase da poesia autônoma inserida na nova realidade social da Guiné¹⁴.

Dentro deste quadro sintético encontraríamos o espaço necessário para avaliar os valores africanos da poesia contemporânea da Guiné.

NOTAS

- 1 — HAMILTON, Russel G. *A History of Afro-Portuguese Literature*. University of Minnesota, 1975, p.358, onde secamente se diz num capítulo que é mero apêndice da literatura caboverdeana: "Most commentators on Afro-Portuguese literature prefer to pass over Guinea". A emissão deste juízo pode levar a crer que o espaço literário da Guiné-Bissau é simplesmente um vazio, e a coisa torna-se tanto mais grave quando, da análise da estrutura do livro de Hamilton percebemos que, para o ilustre autor, a Guiné-Bissau é o único país africano de língua portuguesa que não tem um espaço próprio nesse livro, sendo a primeira parte reservada a Angola, a segunda a Moçambique, a terceira a Cabo Verde (na qual a Guiné recebe um capítulo acessório) e a quarta a S. Tomé e Príncipe. Diante deste panorama é necessário acionar a informação e a crítica a fim de que esse panorama se apague. — A tradução portuguesa desta obra (Lisboa, Edições 70, 1984) repara a omissão.
- 2 — FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa (Biblioteca Breve, vol. 6), 1ª ed., Lisboa, 1977, p.89: "Estamos perante o capítulo menos expressivo do espaço literário africano de expressão portuguesa. Praticamente até antes da independência nacional não foi possível ultrapassar a fase da literatura colonial". — Em "No reino de Caliban", vol. I, Seara Nova, 1975, Manuel Ferreira chamara à Guiné-Bissau "um espaço vazio", mas deve salientar-se que o ilustre crítico escreve numa fase anterior às manifestações escritas dos poetas que hoje analisamos. ALFREDO MARGARIDO, em "Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa", Lisboa, A regra do jogo, 1980, publica vasto elenco de capítulos sobre Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, mas nenhum sobre a Guiné-Bissau.
- 3 — TENREIRO, F., ANDRADE, M. de. *Poesia negra de expressão portuguesa*. Lisboa, Editora África, 1982, p.25.
- 4 — VASCO CABRAL. 10 poemas, in: *África*, nº 5 (1980), p.525.
- 5 — AA.VV. *Mantilhas para quem luta*. Bissau, Conselho Nacional de Cultura, 1977.
- 6 — ANDRADE, Mário de. *O canto armado: Antologia temática de poesia africana*. Lisboa, Sá da Costa, vol. 2, p.26-27.
- 7 — ANDRADE, M. de. *ib.* 26-27.
- 8 — *ib.* 19.
- 9 — *ib.* 21.
- 10 — *ib.* 29.
- 11 — *ib.* 31.
- 12 — *ib.* 32.
- 13 — Esses poemas foram publicados por Manuel Ferreira em *África*, nº 4 (1979), p.439-441.
- 14 — A teoria e ostensiva preocupação em iniciar o novo ciclo é manifestada por JOSÉ CARLOS LOPES SEQUEIRA em "Uma palavra humana ligada ao trabalho profícuo de cada um", onde se afirma: "Esse desejo de afirmação e de liberdade que há-de sempre viver ainda vive na revolta das palavras. Há que matar essa revolta para que em vez dela nasçam flores das palavras (...)". Cf. *África*, nº 4 (1979), p.439.